

Relato de Experiência

Patrimônio, Cultura e História Oral: Possibilidades de Ressignificação da Memória a Partir da Fotografia

Heritage, Culture and Oral History: Possibilities for the
Resignification of Memory from Photography

Ives Romero Tavares do Nascimento¹

Resumo

Este texto tem como objetivo apresentar as contribuições metodológicas do uso da fotografia para a estruturação de projetos de cultura e a elaboração de textos literários, como contos e crônicas, por exemplo. Baseia-se na experiência de uma ação cultural desenvolvida no ano de 2018, em que imagens do patrimônio histórico edificado da cidade de Icó, interior do Ceará, foram utilizadas como a base das meditações e reflexões acerca da relação existente entre memória, patrimônio, cultura e história oral. Os resultados atestam a viabilidade de se unir fotografia e literatura com a intenção de se promover ações universitárias ligadas ao ensino e à cultura.

Palavras-chave: Fotografia. Cultura. Memória. Patrimônio histórico

Abstract

This text aims to present the methodological contributions of the use of photography when structuring cultural projects and elaborating literary texts, such as short stories and chronicles. It is based on a 2018 cultural action experience, in which images of the built historical heritage from the city of Icó, Ceará countryside, were used as the basis for meditations and reflections about the relationship between memory, heritage, culture, and oral history. The results attest to the viability of combining photography and literature intending to promote university actions linked to teaching and culture.

Keywords: : Photography. Culture. Memory. Historical heritage.

1. Professor do Centro de Ciências Sociais Aplicadas da Universidade Federal do Cariri. Doutor em Administração pela Universidade Federal da Bahia.

Notas introdutórias

Este trabalho apresenta alguns dos principais resultados de um projeto de cultura realizado no ano de 2018, apoiado pela Universidade Federal do Cariri (UFCA), no interior do Brasil, com destaque à utilização de fotografias como ferramenta metodológica. Teve como objetivo construir um livro de contos e crônicas² inspirados em relatos locais de história oral sobre o sertão brasileiro. A ação universitária e a obra literária foram ambientadas em Icó, Ceará, cidade que mantém preservada parte de um conjunto arquitetônico edificado datado do séc. XVIII, e hoje representa para a população local o simulacro do passado áureo daquela urbe.

A ação de cultura que inspirou a elaboração deste relato de experiência apoiou-se em relatos de alguns habitantes de Icó que reproduziram suas memórias, posteriormente ressignificadas sob a forma de textos literários. Esse processo, cumpre dizer, foi enriquecido pela captura de fotografias de ícones materiais da cidade – em especial os edifícios históricos – com vistas a incrementar a atividade construtivo-criativa dos contos e crônicas constantes no livro, além de configurar-se como um espaço complementar de formação profissional.

Para além das contribuições tradicionalmente esperadas para a execução de atividades extracurriculares no nível da educação superior, a utilização das fotografias nesta particular ação de cultura trouxe um conjunto de reflexões que podem ser úteis para a estruturação de projetos de semelhante natureza. Em razão disso, o foco deste trabalho é inserir a prática fotográfica como possibilidade técnica e metodológica para a construção literária de contos e crônicas (por exemplo), além de inseri-la no rol das experiências exitosas no ensino-aprendizagem nas ciências sociais aplicadas e humanas, tal como Administração e História, respectivamente.

Para isso, este texto tem como estrutura: inicialmente são expostos os antecedentes do projeto que viabilizou a escrita do livro, seguidos pela indicação de como a fotografia foi situada como instrumento na estratégia de ressignificação do patrimônio e da memória. Por conseguinte, revela-se a trajetória de construção dos contos e crônicas a partir dos registros fotográficos, tendo algumas considerações finais como notas conclusivas desta contribuição.

Antecedentes

A ideia de construir um livro de contos e crônicas inspirados em fragmentos de memória e história oral nasceu da necessidade de agir de maneira articulada em torno de

² A obra completa está publicada on-line no sítio eletrônico: <https://ebooks.ufca.edu.br/catalogo/contos-e-cronicas-do-sertao-ressignificados-da-memoria-icoense/>

um novo paradigma presente nas graduações inauguradas pela UFCA na última década. Pelo fato de ter sido criada no ano de 2013 ainda sob a vigência do Reuni³, essa instituição teve como pedra angular a necessidade de regionalizar sua oferta formativa (BRASIL, 2014), de maneira a observar as necessidades e potencialidades do território onde está instalada: o Cariri cearense (Figura 01). Assim, cumpriria um dever legal e social de alinhar-se com as estratégias de desenvolvimento regional vigentes até então (NASCIMENTO, 2018).

Figura 1 - Localização geográfica do Cariri no plano do Ceará



Fonte: Adaptado de Instituto de Pesquisa e Estratégia Econômica do Ceará

Dessa forma, não somente as graduações e pós-graduações foram inspiradas pelas condições locais. Seus projetos de ensino (monitoria), pesquisa, extensão e cultura, principalmente, passaram a ser pautados pelas características do território, de tal modo que a educação pudesse ser contextualizada (BAPTISTA; CAMPOS, 2013). O território do Cariri cearense conformaria o espaço de atuação de diversos grupos sociais relevantes para processos de desenvolvimento, como apontam Fischer e Melo (2004) e Ribeiro (2009), pelo fato de conter o encontro entre as necessidades e as potencialidades regionais de melhoria das condições de vida humana.

³ Reuni, Programa de Apoio a Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais, foi uma política pública nacional que apoiou a expansão e a interiorização de universidades e institutos federais por todo o Brasil. Divido em fases de implementação, a última etapa do Reuni teve como signo a criação de Instituições de Ensino Superior (IES) pautadas pela figura da educação regionalizada, ou seja, alinhada com os territórios ou regiões-sede dessas chamadas novíssimas universidades federais.

No seio dessa discussão, Teles (2014) indica que o patrimônio histórico e cultural permite-se ser o elo entre as diferentes gerações humanas que habitam um determinado espaço, de modo a gerar entre elas uma ligação permeada pela estima ao consciente coletivo diante de diferentes ícones patrimoniais, cabendo uma relação de pertencimento e adesão social. “Portadoras de mensagem tangível do passado, as obras produzidas por cada povo ou sociedade, monumentais ou não, vêm a referenciá-los no espaço e no tempo, transcendendo, por isso, à dimensão apenas do constructo edificado” (TELES, 2014, p. 265). Essa, portanto, seria uma possibilidade de haver ligação entre patrimônio histórico edificado e processos de desenvolvimento regional.

Ao observar-se as singularidades de Icó pelas lentes das ações universitárias, percebeu-se já no ano de 2014 que, apesar de manter preservada parte da história do Brasil em seu patrimônio edificado, não havia entre os alunos da UFCA uma relação muito fortalecida com a história e a memória da cidade, de maneira que se sobressaíssem em suas aspirações de estudo e de trabalho. Ou seja, não se encontrava estabelecida a conexão “patrimônio-coesão social” indicada por Teles (2014), o que poderia indicar falhas em processos de desenvolvimento regional, haja vista a dificuldade de identificação com o espaço local.

Portanto, agir com o intuito de promover a preservação do patrimônio foi o caminho seguido. Das muitas formas possíveis, optou-se pela discussão sobre salvaguarda do patrimônio imaterial, especificamente da memória e história oral, dada a oferta da disciplina de Produção Textual entre os anos de 2014 e 2015. Foi assim percebida a potencialidade de relacionar os conteúdos da trilha formativa no Curso de História com uma fragilidade local. Esse foi, portanto, o embrião do projeto de construção de um livro de contos e crônicas.

Naquele momento, importou considerar três vetores: a) a observância dos princípios institucionais da universidade, nomeadamente no que diz respeito ao desenvolvimento regional; b) a necessidade de formar historiadores sensíveis à preservação do patrimônio; e c) a oportunidade de se alinhar duas graduações, História e Administração (esta em outro campus da universidade) tendo a produção literária como amálgama. Mas, em virtude de uma série de limitações de ordem econômica e institucional, tal ação ficou restrita à disciplina e não foi continuada.

Fotografando a memória

Somente no final do ano de 2017 é que a ideia de se criar uma obra literária baseada em patrimônio foi concretizada. Naquela altura, a Pró-reitoria de Cultura (Procult) da UFCA havia lançado o habitual edital de apoio a ações culturais de origem na comunidade acadêmica da universidade para o ano seguinte. Isso fez com que as

atividades realizadas em 2014 fossem retomadas, e a ideia de se incluir as fotografias em seu percurso construtivo foi idealizada.

Liberto da alegoria que intitula este capítulo, sabe-se ser impossível fotografar qualquer fragmento de memória, dada sua natureza imaterial. Mas o trabalho universitário é revestido de práticas que orbitam entre a realidade concreta e as abstrações dedutivas e indutivas que buscam compreender essa mesma realidade. No campo da Administração, é recorrente a utilização de instrumentos que facilitem a translação do profissional, seja ele pesquisador, técnico ou estudante, entre aquilo que se compreende tangível e intangível, como aponta o estudo de Fonseca, Silva e Leite (2018)⁴, dentre outros. Um deles é a aplicação de metáforas como técnica de análise organizacional (MORGAN, 2005).

A contribuição deste autor, em referência à sua importante obra “Imagens da Organização”, consiste em autenticar a utilidade dessa construção simbólica e figurada para os chamados quebra-cabeças científicos, que são problemas a se resolver. No seio da pesquisa científica em Administração, por exemplo, as metáforas ilustram a possibilidade de se desvelar nuances de organizações humanas a partir de paradigmas que representam “realidades alternativas” (MORGAN, 2005, p. 59) de um mesmo objeto de estudo.

Às metáforas, neste caso, caberia o processo de transfiguração da realidade em abstração, e vice-versa, tal como Cardoso (2018) situa a fotografia nesse mesmo patamar. Para esta autora, o registro fotográfico é capaz de ancorar imagens e interpretações no mundo visual, de tal maneira que seja possível gerar conhecimento a partir da comparação de imagens figurativas entre dois objetos. É este o ponto de convergência, portanto, com as metáforas de Morgan (2005), imagens por excelência: “se a fotografia mostra, é porque é verdade” (CARDOSO, 2018, p. 120). Dado este ponto, as metáforas conduzem a ação rumo àquilo que é típico da aprendizagem humana: a associação do conhecimento por meio de alegorias visuais.

Em razão disso, encontra assento a relação que se estabelece naquilo que Fischer et al. (2007, p. 937) situam sobre a formação em Administração: uma “conjunção de teorias e práticas”. A fotografia, nesse diapasão, encontra lugar numa área “muito maior fora da academia” (MOTTA, 2017, p. 5) que permite a inclusão de diversificadas ferramentas de ensino-aprendizagem. Foi essa, portanto, a energia catalizadora para a inclusão da fotografia como instrumento de recuperação da iconografia de Icó/CE como mote da escrita dos textos literários.

4 O trabalho destes autores discute como a etnofotografia pode ser um recurso aliado à formação em Administração, com ênfase para sua subáreas (Marketing, Gestão de Pessoas etc.), mas contempla a possibilidade de que este recurso metodológico seja aplicado para outros campos do conhecimento científico.

A construção de um livro de ressignificados

No projeto em tela, os fragmentos da memória sertaneja foram colhidos de maneira individual, por meio de entrevistas semiestruturadas que foram realizadas entre julho e setembro de 2018. Mas o texto, por si, talvez não fosse suficiente para se transportar o leitor à atmosfera bucólica que emana do centro histórico de Icó. Em razão disso, recorreu-se ao recurso fotográfico como uma importante complementação, em igual relevância metodológica, na construção dos contos e das crônicas.

Em uma importante contribuição ensaísta, Felizardo e Samain (2007) estabeleceram possíveis relações entre a fotografia e a memória, quando se perguntam ser a fotografia o novo *aedo*⁵ da era moderna (FELIZARDO; SAMAIN, 2007, p. 212). Corroborando com as palavras de Teles (2014), Maya (2008, p. 107) já indicava que a “fotografia conduz o observador, no presente, a uma viagem por um tempo passado: como representação revelada, em um tempo e em um lugar qualquer, que eterniza uma presença”. Esta é a função que a preservação do patrimônio edificado mantém com as pessoas. Cria em torno de si mesmo uma áurea de eterna contemplação de um passado glorioso, mas que perde, com o passar do tempo, as sensações causadas nas pessoas.

Assim a fotografia assume seu lugar. De tão estática, adquire o poder de preservar uma memória que nunca se esvai⁶. Não há a ação das intempéries e nem da renovação urbana promovida pelas pessoas. Tal vantagem colocou a fotografia como

Um fenômeno que revolucionou a memória, a sociedade da época e o pensamento moderno. A concepção e visão de mundo se alteraram a partir do seu advento. Ela, com sua chamada visão imparcial, precisa, metódica, inequívoca, muito contribuiu nos campos da evolução tecnológica, informativa, dedutiva, historiadora, do campo social e antropológico (FELIZARDO; SAMAIN, 2007, p. 215).

5 Segundo os autores, citando Detienne (1998), “o aedo, o poeta-cantor na sociedade arcaica grega, tinha uma função específica: a de celebrar os imortais bem como as façanhas dos homens corajosos. Em uma sociedade que valorizava a excelência do guerreiro, o domínio reservado a essa celebração, ao louvor e à censura era, precisamente, o dos atos de bravura” (FELIZARDO; SAMAIN, 2007, p. 211). De modo figurativo se coloca a fotografia, com essa função de preservar a memória a partir da criação de uma imagem: a fotografia.

6 Sobre isto, Etcheverry, Frio e Nery (2014, p. 141) complementam: “É a partir do ato de fotografar, que envolve o congelamento de um momento vivido, que os fotógrafos acionam um processo de rememoração. A fotografia, então, passa a ser um suporte da memória, atuando como auxiliar do fotógrafo e daqueles que observam as imagens”.

Mas convém informar que, sendo a fotografia um ato humano, é passível admiti-la como algo não totalmente imparcial. Barros (2017, p. 154) alerta que “a escolha do assunto retratado pode ser ilustrativa de como o tempo é carreado para dentro da fotografia pela subjetividade do fotógrafo e do espectador”. Ou seja, o ato de fotografar depende da sensibilidade do seu autor em querer immortalizar tal quadro que sua visão e análise pessoal identificaram como relevante. E isso representa uma condição primariamente particular. Ainda que esta afirmação transpareça como uma negação ou oposição à escrita de Felizardo e Samain (2007) diretamente citada acima, há de se convir que se corrobora com estes autores por se tratar, inegavelmente, de um traço social e antropológico, em especial.

Esse foi o lugar assumido pelo projeto. Ao propor construir um livro de contos e crônicas a partir da resignificação da memória sertaneja, assentiu-se que seria um trabalho influenciado muito em parte pela composição da subjetividade da equipe. E importou considerar, nesse aspecto, que as imagens capturadas refletiriam parte dos relatos a serem coletados pelos entrevistados durante a fase da pesquisa de campo, de modo a reconstruir uma constelação de significações. “A memória é, então, não transporte do ser para o passado, mas constructo vivido no hoje” (BARROS, 2017, p. 154).

Vale dizer que, considerando ser as entrevistas a fonte principal dos dados para a construção textos componentes do livro, as fotografias foram importantes para essa construção simbiótica e integradora entre o passado e o presente (BARROS, 2017). Em outras palavras, às fotografias repousou, na construção das peças literárias do projeto de cultura, a condição de amálgama entre o presente da cidade de Icó e um passado que sobrevive nos prédios históricos e na memória de seus habitantes.

Para que fosse possível estabelecer esta relação, portanto, parte da atividade in loco foi realizada no mês de novembro de 2018, quando 32 (trinta e duas) fotografias foram capturadas⁷. A equipe da ação de cultura utilizou uma máquina fotográfica Canon PowerShot SX400 IS, lentes 3.8-247.0mm ao se dirigir ao centro da cidade de Icó, e mirar os casarões, solares e outros prédios históricos do lugar. Mas somente algumas serviram de ilustração para 10 (dez) contos e crônicas.

Para cada “clique”, reflexões foram feitas para cada imagem, como se elas, em especial, traduzissem o sentimento de quem as digitalmente as immortalizou, com o desejo de se materializar toda a carga sentimental que conduziu a elaboração do conjunto de

⁷ As fotografias utilizadas neste texto não são, necessariamente, as mesmas empregadas como ilustrações do livro. Na obra, optou-se por empregar um efeito digital de modificação para rabisco a lápis, de modo da criar uma alusão a um *scratchbook*.

contos e crônicas. É esta, portanto, a completude dos ressignificados dados às memórias compartilhadas.

De modo a facilitar a escolha das melhores imagens e, por conseguinte, contribuir com a inspiração no ato da escrita das peças literárias, as fotografias foram divididas em quatro categorias: a) memória assunta ao céu; b) de portas fechadas; c) ruas vazias; e d) patrimônio em perspectiva. A partir das imagens que se seguem, comentários são feitos a cada uma delas.

Figura 02 - Memória assunta ao céuprotagonistas



Da esquerda para a direita, de cima para baixo, em sentido horário: 1. Frisos do Teatro da Ribeira dos Icós; 2. A Coluna da Hora; 3. Casa de Câmara e Cadeia; 4. Cruzeiro da Igreja Matriz de Nossa Senhora da Expectação.

Fonte: Ives Nascimento e Maria Almeida, 27 de novembro de 2018.

A primeira das categorias, a Imagem 02, e talvez a mais icônica dentre as fotografadas, destaca, por exemplo, os frisos da fachada do Teatro da Ribeira dos Icós, construído no séc. XVIII por uma importante personalidade local, Pedro Théberge. Com uma arquitetura fortemente inspirada em traços europeus, a sua construção foi motivada

para dar a Icó um lugar onde a elite local pudesse ter acesso a apresentações culturais.

Tal como nas outras imagens retratadas na Imagem 02, muitas lendas e mitos foram criados, ao longo dos anos, em torno do Teatro, o que contribuiu para a construção social de diversos sentimentos em relação a ela: sonhos, medos, temores, admiração... E entender que havia toda essa articulação sensorial em torno do teatro foi essencial para se perceber que ali residia um grande potencial literário.

Hoje, o prédio do teatro pertence ao poder público municipal e é, literalmente, palco onde toda a população pode se encontrar para assistir a espetáculos diversos (encenações teatrais, filmes, shows de música e solenidades de colação de Grau, por exemplo). No livro, as imagens do Teatro, da Coluna da Hora, do cruzeiro e da Casa de Câmara remetem o leitor à assunção daquelas edificações, de modo que se sentissem como quem as fotografou: como se o corpo se dirigisse ao céu, para junto do alto, do sublime.

Figura 03 - De portas fechadas



Da esquerda para a direita, de cima para baixo, em sentido horário: 1. Casa de Câmara e Cadeia; 2. Detalhe de um casarão tombado; 3. Detalhe de um casarão tombado.
Fonte: Ives Nascimento e Maria Almeida, 27 de novembro de 2018.

A Imagem 03, retrata um detalhe da fachada da Casa de Câmara e Cadeia de Icó. Construída como sede ambivalente para o poder legislativo de uma Icó provinciana e como cadeia, supressão da liberdade, o imóvel abriga hoje a Secretaria Municipal de Cultura.

Ladeando o Teatro da Ribeira dos Icós, a Casa de Câmara e Cadeia é utilizada também como espaço cultural, onde apresentações artísticas e exposições (de fotografias e de artes visuais) se concentram. Imóveis onde a penúria do cumprimento de penas restritivas de liberdade perdurou em seu passado geralmente têm tido esse mesmo tratamento no Brasil: de cadeias, passam a abrigar espaços onde a cultura é pujante, de modo a reinventar a utilização de seus espaços com uma proposta integradora e mais sociável.

Tal como o Teatro da Ribeira dos Icós, a Casa de Câmara e Cadeia, na perspectiva dada pela Imagem 03, parece assuntar-se ao céu, e nos habilita imaginar que transita entre a terra e o ar. No livro, a Casa é relacionada a um conto e a uma crônica, que situam o leitor em um momento do presente da cidade que é conectado ao seu passado por fatos supostamente ocorridos, e que o colocam a pensar: estou num sonho ou numa realidade fantástica?

Também é possível visualizar na Imagem 03 acima uma das fachadas laterais de um solar icoense, onde quatro portas já não se abrem mais. Quais seriam suas funções quando a passagem por elas era permitida? A quem era autorizado entrar? Essas perguntas podem ilustrar momentos de divagação que pouco são oportunizados pela vida corriqueira, quando não se pode parar e contemplar um quadro de imagem tão banal aos olhos. Dessa feita, a fotografia possui essa característica de chamar a atenção para os efeitos de uma passagem agora interrompida: o que levou, um dia, ao seu encerramento?

Em outra perspectiva, a sensação de que certas oportunidades foram perdidas, quando se olha para esta fotografia, motivou a construção e ambientação de dois contos em que o desfecho não traz uma boa solução para as personagens. Mas, em contrapartida, indica aos leitores a necessidade de se refletir sobre os aspectos cotidianos que permeiam a vida urbana. E vão além: estas preocupações sobrevivem nos tempos atuais, tais como estas portas, fechadas a todos, mas ali presentes?

Pertence à cultura local em Icó o valor histórico da Rua (ou avenida, para alguns) das Tamarineiras. Como uma das principais vias da cidade, conecta o centro histórico a uma das rodovias estaduais que ligam a urbe ao restante do Ceará. Contudo, seu valor patrimonial se revela quando, segundo alguns relatos colhidos, se assume ter sido o palco para acontecimentos históricos que ainda hoje permeiam a memória coletiva local.

As vias de uma cidade – ruas, ruelas, avenidas, travessas e becos – possuem uma carga valorativa muito maior que a finalidade de possibilitar a mobilidade urbana. Para além, sustentam no imaginário popular que é nelas que considerável parte da sociabilidade ocorre, e nas cidades do interior do Brasil essa condição é potencializada,

pois é para as ruas que as portas e janelas se debruçam.

Tal como sugere a Figura 04, abaixo, as lendas e estórias recontadas possuem um cenário um tanto obscuro, que já não se percebe se os fatos narrados são verdadeiros – e até que ponto – ou se foram gradualmente preenchidos com as contribuições de quem os reconta ao longo dos anos. O que se mantém firme, todavia, são os ensinamentos passados pela tradição: a necessidade de ilustrar o respeito ao povo local, à vida em sociedade e ao outro. Os casarões assumiram, tal como na Figura 04, o plano de fundo para a elaboração de dois contos, em especial, que foram criados a partir do relato de um entrevistado.

Figura 04 - Ruas vazias



Da esquerda para a direita: 1. Uma rua do centro de Icô; 2. Rua das Tamarineiras.

Fonte: Ives Nascimento e Maria Almeida, 27 de novembro de 2018.

As fotografias que ilustram o livro de contos e crônicas foram capturadas numa manhã nublada, pouco usual num mês de novembro no interior do Ceará. Contudo, a luminosidade ilustrada em todas as imagens ajuda a criar uma áurea de certa divagação. Os casarões de portas e janelas fechadas, arranjam-se com as ruas vazias. Nelas cabem toda a sorte de imaginação e devaneio esperados quando da leitura de textos literários do porte da retratação do cotidiano popular do país. As ruas desertas, em especial, fazem

lembrar que os caminhos não têm início nem chegada. Servem-se para aqueles que desejam prosseguir, e lembram, sob a poderosa escolta do patrimônio histórico edificado, que há espaço para a vida humana em todas as suas dimensões.

Figura 05 - Patrimônio em perspectiva



Da esquerda para a direita: 1. Colunas do Teatro da Ribeira dos Icós; 2. Igreja do Senhor do Bonfim.
Fonte: Ives Nascimento e Maria Almeida, 27 de novembro de 2018.

A fé é uma das indelévels características dos diferentes grupos humanos. E em Icó, isso se confirma. Parecia inevitável, antes mesmo de qualquer entrevista realizada, que algum fragmento de memória faria estreita menção a algum determinado “causo” da história icoense e seria base para a confecção dos contos e crônicas que ilustram o livro. E isso foi confirmado. Ela é o cenário de uma das lendas que circulam a imagem de uma figura mitológica que a qualquer tempo poderá se libertar de seu confinamento na Igreja, e vingar-se daqueles que não cumprirem com suas determinações há muito disseminadas na cultura popular.

Destaca-se a fachada da Igreja do Senhor do Bonfim, santo de forte devoção em Icó, na Imagem 05. De tão central, no sentido conotativo e denotativo, no Largo do Théberge, onde repousa, figurativamente representa o pináculo da fé ilustrada em um conto e em uma crônica constantes na obra aqui referenciada.

Pelos ventos do Aracati: as considerações finais

O Aracati é um vento que sopra do norte em direção ao sul do Ceará. Constante em diferentes peças artísticas – livros, contos, crônicas, músicas e telas – de personalidades sertanejas, em sua maioria, é uma das importantes figuras do imaginário popular em Icó. Ao soprar em velocidade constante e quase sempre no mesmo horário (no final das tardes), o Aracati é um convite a sentar-se em cadeias e balanços nas calçadas do centro histórico icoense e entregar-se ao convívio social⁸.

É nessas “horinhas” que a população conversa e compartilha seus sentimentos. E com eles são difundidas as memórias e as lembranças de um tempo passado, já quase imemorial de uma Icó provinciana e rica. O que o projeto de cultura neste texto relatado tentou fazer foi sentar-se num banquinho à beira da calçada e participar, junto com os habitantes locais, dos momentos vividos em outrora.

Contudo, quis ir mais além. Como a concretização das múltiplas propostas da UFCA pautadas pelo desenvolvimento regional, tentou contribuir com a preservação do patrimônio material da cidade com a ação de imaterializá-lo, imortalizá-lo onde a ação do tempo e do esquecimento não produzem efeitos danosos. E o caminho percorrido foi a construção de um projeto de cultura por onde a memória local fosse ressignificada.

Esse, portanto, foi o mote para a construção de contos e crônicas embasados em fragmentos de memória, que permitem ao leitor transitar entre o realismo “nu e cru” e a sombria divagação dos sonhos arqueada pelos magistras escritores da Língua Portuguesa, a exemplo de Eça de Queiroz, Machado de Assis, Mia Couto, Rachel de Queiroz, Cecília Meireles, dentre muitos outros.

Enquanto ação universitária, o projeto de cultura teve assento, num segundo plano, como proposta de metodologia de ensino-aprendizagem no campo das ciências humanas e das sociais aplicadas, a exemplo da Administração nesta segunda. A larga experiência da formação de administradores conecta saberes teóricos e práticos num espaço onde cabem diferentes abordagens dos múltiplos saberes populares, sociais e ancestrais. É essa a demonstração que este texto intenciona trazer em tela.

A fotografia, situada como o eixo central da parte metodológica que toca numa ação pouco convencional em Administração, é também a força-motriz deste texto. As seis imagens que ilustram parte do caminho literalmente percorrido pela equipe do projeto

⁸ Para saber mais sobre o vento Aracati, recomenda-se a leitura das páginas <http://www.somosvos.com.br/vento-aracati/http://www.lua.art.br/aracati/historia/603-o-que-e-o-vento-aracati.html>. É importante não confundir com o município homônimo cearense, que fica às margens do litoral leste do Estado.

convidam os leitores a se sentarem em seus banquinhos nas calçadas do centro histórico de Icó e contemplar a força memorial dos casarões e sobrados que ornar a cidade.

E, enquanto o fazem, podem sentir a leve brisa reconfortante do Aracati, que chega como um alento aos dias quentes do sertão brasileiro e parece querer nos conduzir até os tempos passados de uma Icó que só conhecemos quando conversamos com aqueles que viveram um pouco de sua história. Ou quando lemos contos e crônicas inspirados nessas mesmas lembranças.

Referências

BAPTISTA, Naidison de Quintela; CAMPOS, Carlos Humberto. Educação contextualizada para a convivência com o Semiárido. In: CONTI, Irio Luiz; SCHROEDER, Edni Oscar (org.). **Convivência com o semiárido brasileiro: autonomia e protagonismo social**. Brasília, DF: Editora IABS, 2013.

BARROS, Barros, Ana Taís Martins Portanova. Imagens do passado e do futuro: o papel da fotografia entre memória e projeção. **Matrizes**, São Paulo, SP, v. 11, n. 1, p. 149-164, jan. /abr. 2017. DOI: <http://dx.doi.org/10.11606/issn.1982-8160.v11i1p149-164>. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/matrizes/article/download/122953/127920/>. Acesso em: 7 abr. 2020.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Superior. **A democratização e expansão da educação superior no país 2003 – 2014**. Brasília, DF: SESu/MEC, 2014. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=16762-balanco-social-sesu-2003-2014&Itemid=30192. Acesso em: 14 nov. 2017.

CARDOSO, Fátima Lopes. Fotojornalismo: o real e o verosímil. **Discursos Fotográficos**, Londrina, PR, v. 14, n. 24, p. 118-139, jan. / jun. 2018. Disponível em: <http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/discursosfotograficos/article/view/30807/pdf>. Acesso em: 10 jun. 2019.

ETCHEVERRY, Carolina Martins; FRIO, Bruna Rajão; NERY, Olívia Silva. A questão da memória nos fotógrafos ficcionais de Italo Calvino, Adolfo Bioy Casares e Julio Cortázar. **Discursos Fotográficos**, Londrina, PR, v. 10, n. 17, p. 139-162, jul. / dez. 2014. DOI: <http://dx.doi.org/10.5433/1984-7939.2014v10n17p139>. Disponível em: <http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/discursosfotograficos/article/view/16515/15728>. Acesso em: 7 abr. 2020.

FELIZARDO, Adair; SAMAIN, Etienne. A fotografia como objeto e recurso de memória. **Discursos Fotográficos**, Londrina, PR, v. 3, n. 3, p. 205-220, 2007. DOI: <http://dx.doi.org/10.5433/1984-7939.2007v3n3p205>. Disponível em <http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/discursosfotograficos/article/view/1500/1246>. Acesso em: 7 abr. 2020.

FISCHER, Tânia; DAVEL, Eduardo; VERGARA, Sylvia; GHADIRI, Philip D. Razão e sensibilidade no ensino de administração: a literatura como recurso estético. **Revista de Administração Pública**, Rio de Janeiro, RJ, v. 41, n. 5, p. 935 - 958, jan. 2007. Disponível em: <http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/rap/article/view/6613/5197>. Acesso em: 22 maio 2020.

FISCHER, Tânia; MELO, Vanessa Paternostro. Organizações e interorganizações na gestão do desenvolvimento territorial. **Organizações & Sociedade**, Salvador, BA, v. 11, p. 13-41, 2004. Edição especial. Disponível em: <https://portalseer.ufba.br/index.php/revistaoes/article/view/11816/8850>. Acesso em: 27 nov. 2017.

FONSECA, Stêvenis Moacir Moura; da; SILVA, Andréa Pereira da; LEITE, Emanuel Ferreira. Fotoetnografia: uso e possibilidades como método de pesquisa em administração. **Discursos Fotográficos**, Londrina, PR, v. 14, n. 24, p. 161-189, jan. / jun. 2018. Disponível em: <http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/discursosfotograficos/article/view/28723/pdf>. Acesso em: 10 jun. 2019.

INSTITUTO DE PESQUISA E ESTRATÉGIA ECONÔMICA DO CEARÁ – IPECE. **Regiões de Planejamento do Estado do Ceará**: Ceará em Mapas. Fortaleza, CE: IPECE, 2007. Disponível em: <http://www2.ipece.ce.gov.br/atlas/capitulo1/11/122x.htm>. Acesso em: 20 jul. 2016.

MAYA, Eduardo Ewald. Nos passos da história: o surgimento da fotografia na civilização da imagem. **Discursos Fotográficos**, Londrina, PR, v. 4, n. 5, p. 103-129, jul. / dez. 2008. DOI: <http://dx.doi.org/10.5433/1984-7939.2008v4n5p103>. Disponível em: <http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/discursosfotograficos/article/view/1928/1661>. Acesso em: 7 abr. 2020.

MORGAN, Gareth. Paradigmas, metáforas e resolução de quebra-cabeças na teoria das organizações. **RAE - Revista de Administração de Empresas**, São Paulo, SP, v. 45, n. 1, p. 58-71, jan. 2005. Disponível em: <http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/rae/article/view/37103>. Acesso em: 12 fev. 2019.

MOTTA, Gustavo da Silva. Como escrever um bom artigo tecnológico? **Revista de Administração Contemporânea**, Curitiba, PR, v. 21, n. 5, p. 4-8, out. 2017. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/1982-7849rac2017170258>. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S141565552017000500004&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 22 maio 2020.

NASCIMENTO, Ives Romero Tavares do. **A expansão da educação superior como estratégia de desenvolvimento territorial**: o caso da Universidade Federal do Cariri. 2018. 266 f. Tese (Doutorado em Administração) - Escola de Administração, Universidade Federal da Bahia, Salvador, BA, 2018.

RIBEIRO, Maria Teresa Franco. Introdução. In: RIBEIRO, Maria Teresa Franco; MILANI, Carlos Roberto Sanchez (org.). **Compreendendo a complexidade socioespacial contemporânea**: o território como categoria de diálogo interdisciplinar. Salvador: EDUFBA, 2009. p. 20-32

TELES, Ramiro. O Sítio Histórico de Aracati e seu potencial arqueológico como subsídio à arquitetura. In: SOARES; Igor de Menezes Soares; SILVA, Ítala Byanca Morais da (org.). **Cultura, política e identidades**: Ceará em perspectiva. Fortaleza: Iphan, 2014. p. 265-304.